

Patativa do Assaré: voz, corpo e verso, vida e esperança no Sertão

[Patativa do Assaré:
voice, body and verse,
life and hope]

Prof. Dr. Ênio José da Costa Brito

Resumo: O artigo tece comentário à tese *Uma voz que amplifica a Aldeia*, de Antônio Iraldo Alves de Brito (2018), que se ocupa da análise e interpretação das imagens na poética de Patativa do Assaré. A tese quer responder a questão: seria possível encontrar na obra do sertanejo imagens de um sertão com vida, fertilidade e beleza?

Palavras-chave: Imagem; Corpo; Mídia; Sertão; Patativa do Assaré.

Abstract: The article comments on the thesis "A voice that amplifies the Village", by Antônio Iraldo Alves de Brito, which deals with the analysis and interpretation of the images in the poetry of Patativa do Assaré. The thesis goal is to answer the question: would it be possible to find in the work of the *sertanejo* images of a *sertão* with life, fertility and beauty?

Keywords: Image, Body, Media, *Sertão*, Patativa do Assaré.

1 Introdução

*Sertão. Sabe o senhor: sertão é onde
o pensamento da gente se forma mais
forte do que o poder do lugar.*

Sertão é dentro da gente.

O sertão é do tamanho do mundo.

(In: Guimarães Rosa. *Grande Sertão:
Veredas*)

Trazer para a academia o mundo popular com sua sabedoria é importante, pois, em geral, sua acolhida neste espaço ainda é restrita; é este o movimento realizado pela tese de Antonio Iraldo Alves de Brito, intitulada *Uma voz que amplifica a aldeia; as imagens do sertão na obra de Patativa do Assaré do corpo às novas mídias*¹.

Na tese, Brito volta-se para a cultura popular não a partir de um conceito formal, abstrato, normativo, mas a partir da vida. Procurando ultrapassar linearidades, explicita em tempos de narração dinâmicas de audição/leitura no cruzamento, de tradições orais e escritas, no contínuo fazer-se de memórias na obra de Patativa do Assaré².

O poeta nasceu em na Serra de Santana, comunidade rural, a 18 quilômetros da cidade de Assaré (623 quilômetros de Fortaleza), ao sul do estado, região do Cariri. Batizado como Antônio, mas enquanto poeta se popularizou com a alcunha de Patativa, uma ave pequenina e discreta, quase invisível e confundível na imensidão do cinza da caatinga (BRITO, 2018, p.19)³

O texto realça com precisão: concepções de tempo, trabalhos de vocalidade e memória, territórios de subjetividade e performances corporais. No desenvolvimento da tese, o autor deixa claro que, a literatura popular em verso pode advogar a sua inclusão num estatuto propriamente literário, seja devido à sua energia inventiva, seja devido a seu poder de interpretar e resgatar desejos comunitários que promanam da classe social a que, primariamente se dirige. Simultaneamente participante de uma tradição literária no sentido em que o poeta popular é herdeiro de um *corpus* de produção de caráter oral, mas transposto para a escritura – como nos mostra no capítulo terceiro –, a literatura popular em verso incorpora à tradição literária ocidental dados inéditos e originais, sem em nenhum momento trair a sua origem e seu compromisso. A tese, com

¹ Tese de doutoramento defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no dia 29 de junho de 2018. Participaram da Banca os Professores(as) José Amálio de Branco Pinheiro (orientador); Isabel Orestes Silveira; Jurema Mascarenhas Paes; Luís Fernando dos Reis Pereira e Ênio José da Costa Brito.

² Antônio Gonçalves da Silva é o seu nome, nasceu em 5 de março de 1909 e faleceu em 8 de julho de 2002, aos 93 anos.

³ Passamos a indicar apenas as páginas da tese. A tese encontra-se disponível no Arquivo Virtual da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: < <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/21325>>

certeza, contribui na explicitação desta dinâmica. O leitor tem em mãos um trabalho de perfil marcadamente interdisciplinar.

Na nossa análise percorremos a tese apontando, brevemente, o conteúdo dos capítulos, tecendo considerações com a intenção de partilhar com os futuros leitores toda a riqueza desta pesquisa.

2 Da Introdução e dos capítulos

A *Introdução* é reveladora do perfil didático-comunicativo, característica que se faz presente em toda a tese. A hipótese apresentada no *Resumo* é sugestiva: “seria possível encontrar na obra do sertanejo imagens que caracterizam um sertão em que, para além dos problemas, há vida, fertilidade, beleza?” (p.13).

Quando apresenta na *Introdução* o objeto de estudo afirma “esta pesquisa se propõe lidar especificamente com o objeto das imagens do sertão”. São elas:

De que modo as imagens na obra de Patativa se apresentam? Elas traduzem e decifram o sertão? Que sertão é possível ser visualizado nas imagens contidas nas entrelinhas dos poemas, no seu entorno, dentro fora deles? Ao final, que sertão se desvela na obra? (p.80).

O capítulo primeiro, intitulado *Um poeta passarinho*, realiza um duplo movimento para apresentar Patativa do Assaré aos leitores e boa parte da malha teórica que dará respaldo às análises. Para o autor, neste capítulo:

O interesse é enfatizar uma poética que nasce de um corpo vivo, o corpo do poeta. Corpo que se afeta e se deixa afetar. Um corpo que faz parte de um meio ambiente, que é mediação, qual uma rede de comunicação, emitindo e recebendo signos a todo tempo no meio em que vive e interage. Considera-se o corpo como fonte e origem da comunicação. O corpo como meio ou tentáculo, capaz de criar vínculos. (p.14)⁴.

⁴ Para uma ampla e significativa reflexão sobre o corpo ver GIL, José. *Metamorfoses do corpo*. Lisboa: Relógio d'ÁGUA, 1997. Conforme Gil, resíduos do corpo humano, como gota de sangue, saliva, unhas, ossinhos, cabelos, dentes, pedaços de maneira “contém em si poderes, uma vez que se coloca no limiar de vários pares de disjunção: entre natureza e cultura, corpo vivo e inerte, interior e exterior” (p.27)

Brito aprecia caminhar por veredas etimológicas, na página 30 lemos, a partir de leitura de Alfredo Bosi: “A ideia de cultura, em sua etimologia tem que ver com o cultivo do solo”. Afirmção correta, que pode ser ampliada ao explicitar o conteúdo das palavras *colo*, *cultus* e *culturus*; temos então *colo* que significa eu moro, eu ocupo a terra e por extensão eu trabalho, eu cultivo a terra; *cultus* é o particípio passado de *colo*, e *culturus* é o particípio futuro de *colo*. *Cultus*, us, quer dizer não só o trato da terra, mas também o culto dos mortos, forma primeira de religião, como lembrança, chamamento ou esconjuro. Quando amarramos os dois significados deste *nome-verbo*, que mostra o ser humano preso a terra, pensamos imediatamente no Poeta⁵. Patativa é um exemplo fantástico, ele jamais se desligou da Serra de Santana, “seu ninho, seu cordão umbilical, jamais se desligou do sertão”. No quarto capítulo, referindo-se ao poeta, o autor faz uma afirmação contundente: “um ser devotado a viver e morrer entrelaçado ao seu chão” (p. 90). Portanto, o *nome-verbo* mostra-nos o ser humano ligado à terra e abrindo covas que alimentam os vivos e abrigam os mortos.

Na apresentação do poeta sertanejo, Iraildo Brito deixou claro que a sua visão de mundo não é cartesiana. Para o poeta-pássarinho o homem é parte da natureza (p.94), e entre o sagrado e o profano não há separação. O poema O retrato do Sertão (ASSARÉ, 2002, p. 233-238) apresenta para os leitores um sertão vivo e festivo, sem separação entre o sagrado e o profano. “O ‘retrato’ que o poeta faz do sertão é densa representação simbólica, porque permeada de uma visão do mundo entrelaçada por signos ou, dito de outra forma, pelo texto da cultura. Trata-se, pois, de enredo sobre um organismo vivo (p.107).

Brito nos relembra que pessoas no sertão são ou eram socializadas em mediações da voz e do gesto, o que nos convida a ampliar nossas percepções diante do gestual e vocal, introduzindo o corpo e práticas corporais nos nossos estudos sobre a memória e a linguagem. “Dessa forma, evidencia-se o corpo do poeta, observando os aspectos constitutivos da performance, especialmente a gestualidade e o papel da voz, que faz ecoar o canto do poeta pássaro desde a sua aldeia” (p .14).

⁵ Ver BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, p.11-25.

Sonoridade sertaneja é o título do capítulo segundo, nele o autor convida o leitor a refletir sobre o fazer-se de culturas, memórias e práticas de linguagem em corpo a corpo letra/voz; dinâmica subjacente à literatura oral de Patativa do Assaré. Este breve capítulo, ao apresentar Patativa como “poeta sonoro”, ilumina uma das facetas de sua obra: ser mediadora. Para o autor: “trata-se de uma obra que antes se deu pela mediação de seu corpo, por meio da voz, do gesto (p. 47) e finaliza o reafirmando:

A obra de Patativa penetra o tecido da cultura, reportando –se ao sertão como seu lugar de fala e traduzindo-o por meio da voz em seu caráter plural e convergente... portanto, mais voltada à mediação do que às rupturas” (p. 50).

O capítulo prepara o terreno para trabalhar, em seguida, mediações históricas entre culturas orais e letradas, atentando para o lugar e sentido da memória nesses modo de linguagem. No fundo, ao acentuar o aspecto da sonoridade ou vocalidade do canto sertanejo de Patativa, ressalta a voz sem imprimir um dualismo entre letra e voz e sem esquecer as tensões.

Zumthor, em “*A escrita e a voz* (de uma literatura popular brasileira) – texto ainda não traduzido –, ao focar “o tom de voz agudo, nasalar apropriado a economizar “usos da voz como ancestral recurso cultural”, aprofunda injunções com Áfricas que desponta em vocalidades no Nordeste brasileiro”⁶. Um bom tópico para futuras pesquisas é o de buscar na obra de Patativa do Assaré vestígios/ indícios afros. Penso que uma primeira pista são as histórias de bichos que confraternizam com as pessoas, falando como gente, casando-se, banqueteadando-se. Temos em algumas dessas passagens, uma contribuição africana às histórias portuguesas, por exemplo, de Trancoso, Boi Espaço (1880) e

⁶ Antonacci aponta para a tensão presente onde os padrões do canto europeu era hegemônico. “É significativo que, no Brasil dos anos 1930, a fonética nasal, a voz rouca, sons e tons de nossos cantores e cantoras, conquistando a radiofonia e a gravação, ouvidos por etnólogos, antropólogos e outros estudiosos foi alvo de estudos e intervenções” (ANTONACCI, 2014, p.314).

Rabicho da Geralda (1792)⁷. Patativa ao referir-se ao sabiá, se refere ao sertanejo (p.82), “os pássaros personificam o próprio sertanejo” (p.84).

Vale lembrar que os passarinhos na obra de Patativa:

São adornos, filigranas para explicar, ou melhor, traduzir o mundo. Os pássaros são como mapas. Eles têm riqueza e estão presentes em variadas composições. Sua riqueza é o canto-voz, que toca as coisas e não se separa da vida como a vida é. A voz, pois, rompe o silêncio transformando o sertão – por vezes, árido por natureza – num espaço de profusão de vida de cores, de sons e de reverberação da luz” (p.84).

O capítulo deixa claro “a indissociabilidade corpo/palavras organizadas/vocalidades de tradições orais no entrecruzar tempo/espaços, subjetividades.

O capítulo terceiro, intitulado *Amplidores da voz*, apresenta os meios que contribuíram para a ampliação da voz do poeta sertanejo: o rádio, os livros publicados e as novas mídias. Além disso,

Faz-se um passeio pelas principais obras escritas de Patativa, como uma espécie de fortuna crítica. Isso tudo sem esquecer-se de mencionar que se trata de uma obra marcada pela variedade linguística de seus pares, de modo que a escrita leva a marca da fala. Sem pretensão de uma linha do tempo, destaca-se a obra do poeta, desde a performance, o cordel, a cantoria, passando pelo rádio, até outros suportes e as chamadas “novas mídias” (p.15).

Temos nele uma confirmação do que Zumthor afirma ao analisar a literatura popular: diz ele “que da cantoria ao folheto não há passo longo e nenhuma fronteira os separa”. Ao longo da leitura percebe-se o potencial da oralidade e sua forma impressa com a imbricação oral/escrito nos folhetos nordestinos. Uma oralidade, que habilita arranjos comunitários marcadamente críticos, conjugando criatividade e improvisação.

Na leitura do capítulo, o leitor acaba lembrando de textos que complementam tópicos de conteúdo presentes, como quando relata a compra da primeira viola por Patativa.

No início, para se tornar cantor, assim com os cantadores e repentistas da terra, Patativa precisava de uma viola. A viola é, por assim dizer, o símbolo que identifica o repentista. Não se concebe um ato performático de um cantador de repente sem o som d esse

⁷ Rabicho da Geralda, coletado por José de Alencar, em 1874. No comentário ao Cordel, ele comparou a peleja entre o boi Rabicho e os vaqueiros ao “cerco de Tróia” (CF ANTONACCI, 2014, p.44)

instrumento. Aos 16 anos, com a venda de uma ovelha, Patativa conseguiu comprar a primeira viola”. (p.56)

Quando faz menção ao antropólogo/exegeta Francisco Salatiel de Alencar Barbosa, um dos estudiosos que apresenta *Cante lá que eu canto cá*, um dos livros mais vendidos de Patativa (p.63), vem à mente o magnífico texto sobre os romeiros do Padre Cicero. *O joazeiro Celeste: tempo, e paisagem na Devoção ao Padre Cícero*, escrito por Barbosa.

Brito termina a apresentação da “fortuna crítica” das obras escritas de Patativa mencionado *Outras publicações*. Penso que vale a pena indicar/acrescentar o livro de Cristiane Cobra, publicado em 2010, *Patativa do Assaré: hermenêutica criativa da religiosidade no semi-árido*. Cobra mostra como Patativa recorre ao imaginário católico, como fonte de sentido e significado, revelando formas típicas à cultura popular de compreensão da religiosidade e da ideia de Divina Providência (na tese temos várias menções a religiosidade popular e pelo menos duas à Divina Providência) não-somente revela, mas recria, reelabora e ressignifica essas maneiras populares de atribuir sentido e significado à realidade.

A literatura popular em versos de Patativa envolve desejos comunitários, o que ocorre na razão mesma de uma voz, no caso a do poeta, que se torna emissor de uma comunidade, nas suas palavras: “animador e guia da comunidade” (p.59)

O quarto capítulo intitulado *As imagens do sertão- corpus de poemas* analisa:

O corpus selecionado, verificando as imagens refletidas nos poemas e o sertão nelas expressas. A questão da imagem perpassa toda a abordagem, ainda que de forma transversal, porém com maior ênfase nesse capítulo. Nele se verifica o colorido do sertão de Patativa. Um dos primeiros aspectos dignos de nota é uma paisagem permeada de passarinhos de todos os tamanhos, cores e cantos variados. Em seguida, são examinados detalhadamente nos três poemas escolhidos. O critério da seleção foi o juízo de que os três poemas representariam uma síntese dos grandes temas do poeta. São eles: *Linguage dos óio*, *A festa da natureza* e *o Retrato do sertão*. (p.15-16)

Brito quer responder a questão: as imagens na obra de Patativa traduzem e decifram o sertão? Ou: que sertão é possível ser visualizado nas imagens contidas nas entrelinhas

dos poemas, no seu entorno, dentro, fora deles? Toma com ponto de partida: a oralidade impressa na poesia concreta do poeta Patativa (p.76).

O autor escolheu muito bem os poemas que foram analisados, e na análise feita explicita as múltiplas nervuras dos textos; o perfil das análises é interdisciplinar. Além de questões de conteúdo, aborda questões de linguagem de musicalidade, questões relacionadas à religiosidade popular, à ecologia e questões filosóficas e teológicas.

Penso que para manter a análise num “crescendo”, e chegar num “grande final” em *Retrato do sertão*: começaria com “*Language dos óios*”, autêntica moldura móvel para o quadro colorido, sonoro e festivo (p.80) a ser pintado pelo poeta. Cinematograficamente teríamos o movimento de câmera que vai de uma “panorâmica” para um “zoom”.

O autor chama atenção para a recorrente intertextualidade com os textos bíblicos na obra de Patativa (nota 28 do autor), e convida-nos a pensar na historicidade de incorporações relacionadas às crenças e imaginários, cantos e textos bíblicos do catolicismo popular (re)significados em muitas regiões do Nordeste, como no velho Cariri.

Catolicismo pautado em rigorosos valores religiosos resultantes de pregações de franciscanos e capuchinhos e da severidade da *Missão Abreviada*, manual seguido à risca pelos missionários nas missões, que atravessa todo o universo da criação popular associado à denúncia de narratividades inerentes ao “peregrinar nos sertões através da visão de seus poetas” (nota 28).

Quando tece considerações teológicas sobre o “purgatório”, no texto e na nota 34, (p. 104), poderia, ainda, completar indicando o sugestivo texto de Jacques Le Goff *Nascimento do Purgatório*, brindando seus leitores com textos teológicos e não-teológicos.

O tema da mestiçagem se faz presente na composição *Festa da Natureza*:

Considerando, pois, a voz/letra de Patativa nessa composição, assim como o conjunto de suas obras, pode-se afirmar que o fenômeno mestiço encontra-se na própria linha tênue que interliga a voz e a escrita, bem como na forma peculiar que o poeta imprime à letra em seu teor altamente vocal. Isso, por si só, já poderia determinar o caráter mestiço da poesia de Patativa, embora seja conveniente ressaltar que “a mestiçagem é uma realidade complexa cujos componentes mantém a sua integridade (p.96)

Brito numa passagem-síntese, de perfil filosófico, resume para seus leitores até onde o estudo da obra do *poeta-passarinho* o levou: “O sertão ainda vivo, marcado pelo espírito alegre, cheio de fé é capaz de encontrar saídas para as questões mais complexas da existência” (p. 105-106).

3 Pontuações (in)conclusivas

Os méritos de *Uma voz que amplifica a aldeia* são muitos. Brito é um autor que conjuga elegância, clareza e extraordinária riqueza de expressão. Os leitores têm em mãos um texto atual, que lança luzes sobre o desafio do tempo presente no que concerne a força das imagens e a necessidade de decifrá-las. Um convite que se repete diuturnamente é o de olhar o Brasil numa perspectiva mais cultural.

A poesia de Patativa confirma o que apresenta o linguista francês Bonvini (2001) sobre as tradições populares afro-brasileiras e seus modos de atualização em regime oral e em condições de vida difíceis. A transmissão é um *fato comunitário* que traduz o vivido do grupo. As palavras poéticas de Patativa são *comunitárias*, nelas pulsa a vida, o sofrimento, a alegria, as dificuldades e a esperanças do sertanejo. Pulsa, também, a combatividade e a liberdade.

O contato com a poesia de cordel foi como um momento de epifania. Patativa passa a ver o mundo, senti-lo com os olhos e tato de poeta. A poesia se torna para ele o espaço das liberdade. Será seu brinquedo, sua distração, mas também peleja, briga, arenga com as palavras, semelhante à luta na batalha da vida (p.55).

Patativa ao longo de sua longa vida humanizou sua sensibilidade, educou seus sentidos para descobrir na região semi-árida do Cariri, a vida que teimosamente pulsa em cada palmo de terra. Representou o sertão não só como o via, mas com os outros podiam

também vê-lo. Brito nos relembra, ainda, que a imagem do sertão é um importante *topus* literário e um “fato total” mausiano.

Inúmeras vezes ao longo da leitura pensei numa imagem que pudesse visualizar a tese no conjunto, gradualmente, emergiu a imagem de um *poliedro* com suas faces, arestas e vértices.

REFERÊNCIAS

ANTONACCI, Maria Antonieta. **Memórias ancoradas em corpos negros**. São Paulo: Educ, 2014.

ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá**. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BARBOSA, Francisco Salatiel de Alencar. **O joazeiro Celeste**: tempo e paisagem na devoção ao Padre Cicero. São Paulo: Attar, 2007.

BONVINI, E. Tradição oral afro-brasileira: as razões de um vitalidade. *Projeto História*, n.22. São Paulo: Educ, 2001.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BRITO, Antonio Iraldo Alves de. **Uma voz que amplifica a aldeia**: as imagens do sertão na obra de Patativa do Assaré do corpo às novas mídias. Tese de Doutorado em comunicação e semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2018.

COBRA, Cristiane. **Patativa do Assaré**: hermenêutica criativa da religiosidade no semi-árido. São Paulo: Kaikoku, 2010.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão**: veredas. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

VILELA, Ivan. **Cantando a própria história**: música caipira e enraizamento. São Paulo: Edusp, 2015.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

-----L'écriture et la voix (d'une littérature populaire brésilienne). *Critique*. Paris: Editions de Minuit. tome XXXVII, n.394, mar. Paris: 1980.

SOBRE O AUTOR:

Professor Titular do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião da PUC-SP, Coordenador do Grupo de Pesquisa “Imaginário Religioso Brasileiro (Veredas)”, e Vice Coordenador do Centro de Estudos Culturais Africanos e da Diáspora – CECAFRO/PUC, São Paulo.

E-mail: brbrito@uol.com.br